

HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

Rafaela Mascarenhas Rocha¹

RESUMO

O presente artigo traz uma apresentação acerca dos fatos históricos que narram a chegada de imigrantes poloneses ao Paraná, especialmente da região metropolitana de Curitiba, a partir da segunda metade do século XIX. É trazido o contexto histórico tanto do Paraná, quanto da Polônia na época; a trajetória da chegada e instalação dos imigrantes nos territórios que lhes foram destinados (colônias imigrantes) e alguns aspectos culturais desses imigrantes. O Paraná foi uma das regiões brasileiras que mais receberam imigrantes europeus durante esta época, sendo a população polonesa a mais numerosa. Os poloneses chegaram a este estado, se instalaram em sua maioria na região da cidade de Curitiba e em alguns municípios vizinhos, a partir do ano de 1871. A vinda desses imigrantes se dá por meio de incentivo do governo brasileiro, focado em povoar territórios localizados no sul do país; e incentivar a produção agrícola de gêneros alimentícios, escassos na região, à época. Os autores que possibilitam a base teórica deste artigo são teóricos de história paranaense, como Wachowicz (2000) e Nadalin (2001) e de sociologia das migrações, como Oliveira (2010). Brevemente, é apresentada a conjuntura paranaense durante o século XIX e as razões pelas quais motivaram a chegada dos imigrantes ao estado, expondo-se também um pouco sobre a forma de vida dessas pessoas em território paranaense, alguns hábitos e formas de organização social destes imigrantes e de seus descendentes. Em um segundo momento, há uma descrição das antigas colônias polonesas situadas na região de Curitiba – espaços destinados à instalação desses imigrantes para construção de suas casas, além do cultivo das hortaliças e a criação dos animais que seriam comercializados na cidade - contando sobre a localização destas no mapa da cidade, a data de fundação e o contexto da construção delas e um pouco sobre o convívio dos imigrantes e seus descendentes nessas colônias.

O PARANÁ E A IMIGRAÇÃO EUROPEIA NO SÉCULO XIX

A iniciativa da imigração no Paraná teve seu começo em 1829, com a vinda de imigrantes alemães para a colônia Rio Negro (NADALIN, 2001), na região sul do estado, localizada aproximadamente 110 km de distância de Curitiba. Assim como a experiência dos alemães em Rio Negro, as colônias polonesas no Paraná também se concentraram em municípios da Região Metropolitana de Curitiba. Um exemplo de colônia instalada em municípios da RMC é a colônia Tomás Coelho, fundada na década de 1870 e localizada em uma área entre os municípios de Campo Largo e Araucária (mapa 1, anexo 1), às margens do Rio Passaúna, a oeste da capital, seus habitantes - de maioria polonesa - cultivavam hortaliças para vender em feiras de Curitiba (ORBZUT, 2006).

¹ Mestranda em Sociologia pela UFPR. E-mail: rafaela_mrocha@yahoo.com.br

Entretanto, a cidade de Curitiba, que apresenta uma numerosa comunidade de imigrantes e descendentes de poloneses (OLIVEIRA, 2010), dispõe de uma notória visibilidade a esta imigração quando comparada a outras cidades brasileiras, em relação à vida cultural da coletividade da imigração, como aponta Paleczny (2000): “Uma situação diferente apresenta-se propriamente apenas em Curitiba, onde o número e a atividade da coletividade étnica polonesa não encontra comparação com nenhuma outra cidade brasileira.” (PALECZNY, 2000. P.19).

O CONTEXTO PARANAENSE ANTES DA IMIGRAÇÃO

A economia paranaense desenvolvida ao longo dos séculos XVIII e XIX, promoveu atividades como a mineração; a pecuária; a agricultura de subsistência; o comércio de gado e muares através de tropas itinerantes, desde as pastagens gaúchas até à grande feira de Sorocaba – os chamados tropeiros - atividades de exploração madeireira; e a produção e exportação de erva mate. Esses setores da economia proporcionaram pequeno crescimento das cidades da região leste paranaense, desde a região litorânea com as cidades de Paranaguá, Antonina e Morretes, passando pelo planalto de Curitiba até chegar à região de Ponta Grossa e Castro, os chamados Campos Gerais².

a) A Economia Pecuária

A região em que predominou a economia pecuária no Paraná durante os séculos XVIII e XIX compreende uma área de planalto e vegetação campestre, a oeste da capital – Curitiba – e que se localizava ao longo do caminho de Viamão, que seguia do Rio Grande do Sul em direção ao sudeste do Brasil. Segundo Santos (2001), as fazendas de criação de gado e as fazendas alugadas para pastagem e engorda do gado – as chamadas invernadas – ocupavam a maior parte das atividades da região dos Campos Gerais, essas atividades se ocupavam de mão-de-obra escrava e seus empreendedores detinham o mando político da Província, na primeira parte do século XIX. Da mesma maneira, Nadalin (2001) mostra a importância que a economia pecuária teve para o Paraná nesta fase. Mostrando que essa atividade causou a expansão territorial para a região sul paranaense, indo até a divisa com Santa Catarina, e que esta expansão significava o embrião da comunidade paranaense. E o autor afirma, também, que Curitiba se emancipava do litoral paranaense no contexto da economia pecuária, porque lucrava mais que qualquer outra vila ou cidade, pois dominava essa atividade, apesar da concorrência

² Campos Gerais é a região paranaense que compreende as cidades de Ponta Grossa, Palmeira, Castro, entre outras, distantes a pouco mais de 150 km de Curitiba, para oeste.

com os gaúchos: “A fundação de Curitiba como vila (1693) assinalou o início da definição de uma identidade regional, fundada na pecuária.” (NADALIN, 2001. p.44).

Santos (2001) afirma que a Guerra do Paraguai, ocorrida na segunda metade do século XIX, causou desestabilidade econômica em todas as províncias do sul brasileiro, inclusive o setor pecuário. E com isso, ocorreram algumas mudanças como: o transporte de gado por via férrea diminuía as atividades com o tropeirismo³; a valorização das terras se tornava maior que a valorização do gado; a proibição do tráfico de escravos deixava de movimentar um comércio valioso de trabalhadores, e todos esses fatores acabaram por incentivar a mobilidade de algumas famílias, que saíam das fazendas em direção às áreas urbanas. Para Santos (2001), esse processo de desagregação da economia pecuária tornou a economia do mate a principal fonte de riquezas para o Paraná, a partir da metade do século XIX.

b) A Economia da Erva Mate

Concomitantemente com a produção pecuária e com o comércio de gado e muares na região dos Campos Gerais, a economia da erva mate também ajudava a movimentar o desenvolvimento paranaense. No entanto, há diferenças entre a primeira e a segunda, e uma delas é que a economia da erva mate se perpetuava entre Curitiba e a região litorânea do Paraná, utilizando o antigo Caminho do Peabiru – caminho indígena que ligava a região do Mato Grosso e o Paraguai até a saída para o Oceano Atlântico, na região do litoral paranaense – para o transporte e escoamento da produção.

A atividade de produção da erva mate foi algo que, de fato, começou a possibilitar mais independência econômica ao Paraná. A planta nativa das florestas paranaenses - erva mate ou *Ilex Paraguaiensis*, teve atenção especial de Ouvidor Pardinho em sua visita ao Paraná entre os anos de 1720 e 1721 - conforme retrata Ianni (1988) – que na oportunidade pode mostrar a Portugal o quanto esse produto poderia ser interessante e favorecer instalação definitiva da metrópole na região sul, e uma possível solução para a miséria do local, o mate foi visto como uma grande oportunidade. Santos (2001) aponta que a exploração da erva mate permitiu ao Paraná a entrada em uma fase de economia comercial, momento este em que as exportações começava a substituir a economia de subsistência: “Nesse novo contexto histórico econômico,

³ Tropeirismo: Comércio de gado de corte e muares, levado em tropas desde o Rio Grande do Sul, onde era criado, até as feiras de Sorocaba-SP. No Paraná, a passagem das tropas, fomentou o comércio e o desenvolvimento de municípios como a Lapa, Rio Negro, Ponta Grossa, Castro e Jaguariaíva, no sul do estado e nos Campos Gerais. Tal prática comercial ocorreu entre o final do século XVIII até meados do século XIX. (SANTOS, 2001).

a produção do mate, para exportação, monopolizou todas as atividades do litoral e primeiro planalto do Paraná.” (SANTOS, 2001. P.39).

A produção de erva mate se dava em estruturas conhecidas como engenhos e o trabalho nos engenhos era feito em etapas assim estabelecidas: coletar a erva nas matas; prepará-la, ou seja, secar e moer o mate; embalar; transportar dos engenhos até o porto e embarcar para o destino final. E toda essa cadeia produtiva, até meados do século XIX teve como força motriz a mão-de-obra escrava ou semiescrava, conforme apontam Ianni (1988) e Santos (2001). Este último autor, explica que não se tem documentos exatos que possam comprovar em que fases do processo da erva mate os escravos trabalhavam.

O avanço da economia do mate fez movimentar os setores extrativista, fabril e comercial da Província. Foi uma economia que colocou o Paraná no mapa das exportações, pois comercializava mate entre outras províncias brasileiras e também com outros países do continente, e que a partir da década de 1840 segundo Santos (2001), incentivou os políticos locais na busca pela emancipação política do Paraná para ampliar ainda mais as suas exportações, que veio a acontecer no final de 1853. Entretanto a economia paranaense não se posicionou como protagonista no cenário nacional e sempre esteve dependente de exportar seu produto para mercados oscilantes, como Uruguai, Argentina e Paraguai:

A economia paranaense não era autônoma [ao final do século XIX], e, dessa maneira, sua fragilidade a tornou dependente dos sistemas mais amplos e vigorosos. Durante todo o século XIX, as finanças paranaenses estiveram abaladas, e as suas economias comprometidas por constantes oscilações dos mercados externos, dos quais dependiam direta e indiretamente. (SANTOS, 2001. p. 67)

OS DESAFIOS ECONOMICOS PARA O PARANÁ PÓS-EMANCIPAÇÃO

Com a emancipação política do Paraná, os governantes locais começaram a voltar as suas preocupações para a visível escassez na produção alimentícia e na criação de víveres. Os setores políticos e as elites locais colocavam como necessária a ampliação da economia local para a via agrícola, e se buscava uma suficiência no abastecimento de alimentos para a província. Havia entre a população brasileira em geral, uma má significação do trabalho na agricultura e um padrão geral de uso da terra voltado à lógica dos latifúndios, como mostra Nadalin (2001), era necessária uma nova valorização que resgatassem as virtudes do trabalho, o autor utiliza-se do termo “transformação cultural do trabalho”, ou seja, era preciso que

acontecesse algo como “renovar o trabalho, manchado pela escravidão” (NADALIN, 2001, P. 67). E essa transformação toda caberia então, de acordo com a solução apontada pelos membros da elite local da época, à implantação de colônias agrícolas formadas por trabalhadores imigrantes europeus.

A ideia de atrair famílias europeias para o Paraná e a sua instalação em colônias rurais tinha além da intenção de atender à demanda do abastecimento de alimentos nas cidades, pois com a economia da erva mate, quase não se produzia alimentos na região, e isso gerou uma escassez de alimentos nas cidades paranaenses; mas a imigração também visava resolver uma questão populacional. Toda a região sul do Brasil contava com grandes áreas de terras devolutas durante toda a fase do Império, não havendo população livre e economicamente ativa para ocupar essas áreas, logo, a vinda de imigrantes europeus resolveria essa demanda. No caso paranaense, a maioria das terras devolutas se encontrava em áreas de florestas e com relevo acidentado, essas florestas não eram interessantes aos criadores de gado, que ocuparam as regiões de campo, e como a meta dos governantes envolvia o desenvolvimento da agricultura familiar para a implantação de um cinturão verde em torno da capital – Curitiba – capaz de produzir hortaliças, verduras e frutas, essas áreas de florestas foram destinadas à instalação dos imigrantes recém-chegados. Pois assim, se fazia possível criar a pequena propriedade rural familiar, tendo também o intuito de aproximar os imigrantes e incluí-los da estrutura urbana, por meio de estruturas conectoras (vias e estradas).

Nadalín (2001) enfatiza ainda a importante diferença que havia entre a iniciativa da vinda de imigrantes para a região sul do país, em destaque para a Província do Paraná; daquela implantada pelo estado de São Paulo. Pois, o estado vizinho utilizou da mão de obra dos imigrantes (na maioria eram italianos e japoneses, tendo estes últimos, chegado a partir da primeira década do século XX) para substituir a mão de obra escrava nas lavouras latifundiárias de café, em um sistema que inicialmente foi chamado de “parceria”. Enquanto que no Paraná, a iniciativa estava voltada ao desenvolvimento da agricultura familiar, em que os imigrantes eram instalados em lotes dos quais se tornaram proprietários futuramente, e essa agricultura estava dedicada a gerar uma nova economia de alimentos ao redor de Curitiba e assim possibilitar o crescimento de uma classe média local.

No ano inicial da emancipação paranaense – 1854 - o governo local, na pessoa do seu primeiro presidente - Zacarias Góes de Vasconcellos⁴ - lançou um decreto autorizando a

⁴ Zacarias Góes de Vasconcellos (1815-1877) nasceu em Valença (BA) e faleceu na capital do Império, Rio de Janeiro. Estudou Direito na Academia de Olinda entre 1833 e 1837. Ocupou entre diversos cargos públicos, a Presidência das Províncias do Piauí, do Sergipe e posteriormente, também a do Paraná. (PINTO e MIZUTA, 2011).

vinda de colonos imigrantes para o povoamento de áreas delimitadas à produção agrícola no território paranaense. Kanashiro (2006) apresenta este decreto em sua tese, mostrando que havia a intensão governamental de recepcionar trabalhadores estrangeiros em território paranaense:

No Paraná, com o agravamento das condições de abastecimento das províncias, o decreto n. 1318 de 30 de janeiro de 1854 concedia estímulos à posse de terras, possibilitando o acesso a ela, independente da nacionalidade do imigrante, concedia também auxílio para facilitar a colonização (KANASHIRO, 2006, p.154).

Entretanto, o incentivo à imigração de trabalhadores livres europeus, se tornou uma política pública para o Paraná somente a partir do governo do Presidente Provincial Adolpho Lamenha Lins, entre os anos de 1875 e 1877⁵. Conforme informações contidas em um dos Boletins Informativos da Casa Romário Martins⁶, a gestão de Lamenha Lins teve como meta principal a solução para o problema de abastecimento de alimentos no Paraná e que, para isso, contou com a iniciativa pioneira de financiar a abertura de colônias de imigrantes, principalmente de origem polonesa, em áreas rurais localizadas nos arredores de Curitiba, o chamado rocio da capital.

A CHEGADA DOS IMIGRANTES POLONESES AO PARANÁ

Durante os séculos XVIII e XIX, a Polônia passava por uma fase de dominação territorial de seus vizinhos Áustria, Prússia e Rússia, conforme aponta Wachowicz (1981). Essa dominação territorial colocava a população polonesa sob o julgo dessas três nações - ainda que contassem com um governo central polonês – porém isso lhes impunha guerras, explorações, ausência de democracia interna e situações de fome e miséria. O autor retrata que a parte russa, que ficou conhecida como Reino da Polônia era predominantemente camponesa no início do século XIX, com a população vivendo em pequenas propriedades que se dedicavam majoritariamente à agricultura de subsistência. A população polonesa vivia a impossibilidade de mobilidade social, tanto no campo – onde as condições de vida e de trabalho eram

⁵ Lamenha Lins nasceu no Recife (PE) em 1845, e faleceu na mesma cidade pernambucana no ano de 1881. Antes de assumir a Presidência da Província do Paraná, Lamenha Lins foi presidente da Província do Piauí, em 1874. (CARNEIRO JÚNIOR, R.A. 2014. P.25). Informações disponíveis em: www.museuparanaense.pr.gov.br

⁶ O Boletim Informativo Casa Romário Martins n° 16, publicado em dezembro de 1975 tratou sobre o centenário de fundação da Colônia de Santa Cândida e a política de incentivo à imigração feita durante a gestão de Lamenha Lins na Presidência da Província do Paraná.

semelhantes à de servidão - como nas cidades, pois a camada do proletariado era ainda embrionária, assim como o desenvolvimento industrial do território.

Ainda de acordo com Wachowicz (1981), entre as décadas de 1840 e 1850, a região da Silésia – de dominação prussiana – passou por ainda mais períodos de dificuldade econômica, fruto de efeitos climáticos desastrosos que prejudicaram colheitas e do destino de boa parte da produção de cereais para a alimentação do exército russo que estava em guerra, elevando o custo de vida e empobrecendo a população camponesa. Esse empobrecimento fez baixar a qualidade da alimentação do povo, o que causou epidemias de tifo e cólera na região. Essa situação de grande opressão no campo impulsionou e muito a emigração das famílias polonesas de regiões rurais.

Segundo o artigo de Goulart (2000), a região da Silésia foi a parte da Polônia que mais enviou imigrantes ao Brasil durante o século XIX, e reforça a situação de fome e miséria que esta região passava durante a década de 1850 e a busca que a população polonesa teve por uma situação mais confortável de vida em outras terras, principalmente nos EUA e no Brasil. Ao mesmo tempo em que no Brasil, o Império iniciava a campanha de incentivo à vinda de imigrantes europeus para as províncias do sul e para São Paulo e a divisão de terras para a criação de Colônias Oficiais.

A autora conta que a maioria dos imigrantes que vieram ao Brasil se dedicou ao trabalho agrícola. Conta ela também, que a comunicação mantida entre os silesianos e os religiosos que estavam no Brasil, foi a responsável por levar notícias positivas sobre as condições econômicas e de vida dos imigrantes em terras brasileiras, sobre a fertilidade das terras e a prosperidade que começava a se alcançar na nova terra, e isso foi, sem dúvida, incentivando a vinda de mais imigrantes. A grande onda emigratória de poloneses ao Brasil aconteceu entre as décadas de 1880 e 1890, e foi tão intensa que ficou sendo chamada pelos órgãos de imprensa poloneses da época de *Febre Brasileira*. O primeiro grupo de imigrantes poloneses havia chegado ao Brasil em 1869, conforme aponta Goulart (1984), o grupo era composto por: “(...) de 16 famílias Polacas, 78 pessoas (...) em agosto de 1869 com o navio Vitória, comandante ‘Redlich’.” (GOULART, 1984, p.35). Instalaram-se inicialmente nas Colônias Príncipe D. Pedro e Itajahy, no vale do Rio Itajaí na Província de Santa Catarina.

Há, que se dedicar um espaço nessa descrição para se falar dos pioneiros da imigração polonesa ao Paraná: Padre Antônio Zielinski e Sebastião Edmundo Wós Saporski. Padre Antônio Zielinski era vigário na cidade de Gaspar próximo às colônias Brusque e Blumenau, em Santa Catarina, quando se encontrou com Sebastião Saporski. O padre era natural de Lwów e havia participado de uma revolução na Polônia em 1863, contrabandeando

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, E. 19, Jan./Jun., 2015.

armas para o exército da Prússia, conforme aponta o artigo de Wachowicz (2000)⁷. Fugiu, então para Liverpool, onde embarcou em um navio para o Texas, chegando ao Brasil em 1869. Sebastião Wós nasceu em janeiro de 1844, e vivia com sua família na aldeia de Siolkowice na região da Silésia - parte prussiana da Polônia – sendo ele o segundo filho não herdou terras, mas teve oportunidade de estudar em uma escola secundária, como aponta Wachowicz (2000). Saporski desertou do alistamento ao exército prussiano e embarcou em um navio rumo a América do Sul. Em um entreposto na Inglaterra ele consegue documentos com um novo nome: Sebastian Edmund Wós Saporski.

Ao chegar ao Brasil, passando anteriormente por Montevideo, Saporski chegava à colônia Blumenau, onde se encontra com Pe. Zielinski, e ao saberem da iniciativa do Império Brasileiro em dividir terras para a criação de mais Colônias Oficiais, ambos se animam para liderar uma empreitada capaz de promover a vinda de colonos poloneses ao Brasil. “Interessado que estava em conseguir junto ao Governo Imperial uma concessão de terras para a colocação de imigrantes de sua Polônia, Saporski estudou com Padre Zielinski a possibilidade de realizarem tal empreitada.” (GOULART, 1984, p. 27).

Interesse este, que posteriormente se voltou para a promissora Província do Paraná, cujo Vice-Presidente Provincial, mantinha uma relação boa com Saporski e se mostrava disposto a ajuda-lo na ideia da imigração, aproveitando, assim, para chamar imigrantes para que ocupassem as terras delimitadas para a colonização no Paraná. De acordo com Wachowicz (2000), Saporski teria recorrido ao Vice-Presidente da Província do Paraná, Agostinho Ermelino de Leão, para tratar sobre a transmigração de seus compatriotas. A resposta inicial dada pelo Presidente da Província, Venâncio Lisboa, fora positiva desde que os imigrantes se instalassem na colônia Assunguy, promissora região ao norte do município de Curitiba, onde atualmente é a cidade de Cerro Azul. Posteriormente e atendendo a interesses dos dirigentes das colônias catarinenses, Agostinho Ermelino de Leão indefere o pedido de transmigração dos poloneses.

O êxodo dos primeiros imigrantes poloneses para o Paraná, liderados por Saporski, se deu de maneira ilegal, com a saída de alguns homens casados indo em direção a Curitiba a

⁷ Este artigo foi baseado no registro das memórias do imigrante polonês Sebastião Saporski, que foram publicadas em idioma polonês no final dos anos 1930, logo após o seu falecimento. A publicação deste artigo encontra-se em uma das edições da Revista Projeções - uma publicação organizada, entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, por inúmeros intelectuais poloneses e/ou descendentes de poloneses que vivem e produzem conhecimento em Curitiba.

pé, para que na sequência suas esposas e filhos fossem juntar-se a eles. Goulart (1984) conta como se deu a saída dos primeiros imigrantes da Colônia Itajahy, rumo a Curitiba:

1870 se encerrou com Saporski não tendo conseguido obter pelos meios legais a transmigração dos colonos. Sabia ele que o diretor da Colônia impediria isso por todos os modos e meios. Estabeleceu então uma distribuição dos poloneses que deveriam sair da colônia para Curitiba com o propósito de reunir, posteriormente, cada família ao seu chefe; conseguiu convencer alguns elementos, em número de 13, a irem para aquele lugar, numa leva na maioria constituída por homens (GOULART, 1984. P.36).

As primeiras famílias a chegarem a região de Curitiba, se instaram na Colônia Assungui, mas como o terreno era muito acidentado e difícil para a agricultura, Saporski fez novas solicitações de terras para destinar os colonos. Foi então que, de acordo com Wachowicz (2000), a Câmara Municipal de Curitiba ofereceu terrenos às margens do Rio Barigui, e as delimitações das terras para colônias foram se ampliando para a região das Mercês e do Pilarzinho .

Sobre a entrada dos imigrantes poloneses no Paraná, o texto de Oliveira (2010), aponta que o estado foi o que mais recebeu imigrantes de origem polonesa no Brasil, durante toda a história da imigração. Desde a chegada das primeiras famílias, a partir de 1870 até a última leva de imigrantes, por volta de 1914, tem-se o dado de que mais de 100 mil imigrantes poloneses chegaram ao Brasil, sendo que mais de 40 mil destes se instalaram no Paraná. O maior fluxo migratório de poloneses foi na década de 1890, época que ficou conhecida como “febre brasileira” e que registrou somente entre os anos de 1890 e 1894 a entrada de mais de 64 mil imigrantes poloneses em território nacional. De acordo com a visão dos dirigentes brasileiros à época, conforme é apontado no texto de Oliveira (2010), o imigrante europeu estava sendo visto como um “agente de defesa do território nacional e instrumento de ocupação de terras e de colonização agrícola” (OLIVEIRA, 2010, p. 85), e era grande o interesse das autoridades paranaenses em atrair imigrantes com objetivo na ocupação de terras que vieram a ser destinadas à produção agrícola no interior do estado.

ALGUNS HÁBITOS DA COMUNIDADE POLONESA EM CURITIBA E REGIÃO

Segundo Oliveira (2010), os primeiros membros da comunidade de imigrantes poloneses a chegar ao Paraná eram predominantemente pessoas de origem camponesa, sem posses e com pouco estudo. Conforme relata o autor:

Nessa década de 1890, a absoluta maioria (95%) dos poloneses que aportaram no Brasil provinha de zonas rurais. Eram iletrados e, em muitos casos, foram atraídos por uma propaganda enganosa e repleta de histórias fantásticas (OLIVEIRA, 2010, p. 84).

Ainda sobre o perfil camponês dos primeiros imigrantes poloneses a se instalarem no Paraná, é importante trazer o apontamento feito pelo sociólogo polonês Tadeusz Paleczny,

Os imigrantes poloneses que vinham ao Brasil no final do século XIX e no início do século XX eram moradores de aldeia, camponeses, pessoas apegadas a suas tradições populares. O ponto de referência básico para a sua orientação social era o modelo do laço grupal comunitário paroquiano-aldeão (PALECZNY, 2000, p. 21).

Ou seja, os primeiros poloneses a chegar ao território paranaense eram pessoas de origem camponesa e pobre, que tinham como maior ponto de integração social a família, a igreja católica, o padre e a paróquia. Bosquilia (2004) ressalta que a relação dos imigrantes com o trabalho (a maioria exercia trabalho rural) era algo que condicionava a vida, a relação com o tempo, com o clima e as relações sociais dos colonos (BOSCHILIA, 2004, p.63-64). Santos (2001) atenta para as inovações tecnológicas, no plantio de alimentos, que foram trazidas pelos imigrantes.

Os estudos efetuados sobre a produção camponesa no âmbito das antigas e novas colônias, (...) permitiam constatar a formação do sistema de produção agoralimentar, cujos parâmetros podem ser assim elencados: diversificação da produção; estabelecimento de núcleos agrícolas com mão-de-obra imigrante; novas técnicas de cultivo, em substituição à agricultura-vampira (queimadas), que permitiam maior produtividade; novos equipamentos, como o arado; novos cultivos; pequenas indústrias para beneficiamento da produção; nova malha viária, com estradas gerais e vicinais; novos meios de transporte como os carroções eslavos que substituíam os carros de boi e os muares; novas rotas de abastecimento; elaboração de políticas de abastecimento; organização do mercado; novos hábitos alimentares, entre outros (SANTOS, 2001. pp. 83-84).

Entretanto, em seu texto Oliveira (2010) faz questão de ressaltar que assim como veio uma maioria de imigrantes poloneses de origem camponesa para a cidade de Curitiba, que trabalhavam com a lavoura e que se instalaram em colônias agrícolas nos arredores da cidade, houve também a vinda daquelas pessoas que se instalaram em áreas urbanas - como o centro da cidade – que tinham inclinação para trabalhos urbanos como o comércio, profissões liberais e atividades ligadas à área de serviços. Afirma, o autor, que o perfil de imigrante camponês é parte de um estereótipo e também que os imigrantes instalados em espaços urbanos

impulsionaram o progresso de Curitiba e contribuíram em muito na vida social, recreativa e intelectual da cidade. Abaixo, segue um conjunto de organizações criadas pelos imigrantes e descendentes de poloneses em Curitiba, entre o final do século XIX e a metade do século XX.

OS JORNAIS POLONESES QUE CIRCULAVAM EM CURITIBA

Com a necessidade de organizar a vida social dos colonos aqui estabelecidos, vários grupos de imigrantes poloneses compostos por intelectuais, professores, empresários ou ativistas políticos exerciam a escrita em seu idioma, por meio da criação e manutenção de publicações periódicas. Eram confeccionados jornais das mais diversas vertentes: alguns culturais, outros de caráter político, e vários jornais eram humorísticos.

Um desses grupos de intelectuais imigrantes poloneses – e que também contava com a participação de Sebastião Saporski - organizou e foi um dos fundadores da *Gazeta Polska w Brazylji (Gazeta Polonesa no Brasil)*, jornal escrito em idioma polonês e “que circulou sem interrupção entre 1892 e 1941” (OLIVEIRA, 2010. P.83).

Neste mesmo período, Oliveira (2010) aponta que foram editados mais de 60 periódicos em idioma polonês no Paraná. Entre eles, o autor menciona o jornal *Polak w Brazylji (O Polonês no Brasil)*, que funcionou entre os anos de 1905 e 1920. Este periódico foi se tornando o mais importante a circular entre a comunidade polonesa em Curitiba, ultrapassando a importância da *Gazeta Polska* e chegando à marca de 1500 exemplares, quando que teve à frente de sua redação, Antônio Hempel.

AS ESCOLAS DOS IMIGRANTES POLONESES

A vida social e cultural dos imigrantes poloneses no Paraná também passava pela construção de escolas. Ainda de acordo com o artigo de Oliveira (2010), a primeira escola construída pelos imigrantes, no estado foi fundada na Colônia Orleans em 1876 e tinha como mestre- escola o polono-brasileiro Jerônimo Durski. O grande movimento de construção de escolas polonesas acontece na segunda metade da década de 1890. Ao todo, os números até meados dos anos 1920 são surpreendentes do ponto de vista da quantidade de escolas e de estudantes poloneses no Paraná:

Em 1924, já são 145 escolas de nível elementar no Brasil, totalizando 5988 alunos. O Paraná abrigava 79 dessas escolas e 3623 alunos, (...) uma vez que o estado detinha mais de 54% de todos os alunos e mais de 60% de todas as escolas do país, (...) (OLIVEIRA, 2010, p. 87).

Entretanto, como essas escolas lecionavam em idioma polonês, isso passou a se tornar um risco para a unidade da educação no estado, do ponto de vista das autoridades públicas que geriam o setor educacional na época, tanto que com o crescimento acelerado da construção de escolas estrangeiras (especialmente polonesas), em 1917 as autoridades paranaenses criaram o “Código de Ensino”, obrigando que as escolas estrangeiras passassem a lecionar também o idioma português e a História do Brasil.

AS ASSOCIAÇÕES RECREATIVAS DOS IMIGRANTES

Além dos jornais e das escolas, a comunidade polonesa na região de Curitiba também se organizava em sociedades recreativas, culturais, esportivas e intelectuais – os clubes. Essas sociedades atuaram mais fortemente na cidade de Curitiba durante as primeiras décadas do século XX. Eram espaços voltados para a prática esportiva, havia a promoção de bailes, aulas e ensaios com grupos teatrais e musicais e a manutenção de escolas da comunidade polonesa.

Entre as mais conhecidas está a Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kosciusko, que foi fundada em junho de 1890 e segue em funcionamento até os dias de hoje, esta Sociedade fica localizada no Centro Histórico da capital paranaense e sua fundação serviu para reunir a comunidade polonesa e proporcionar celebrações culturais, intelectuais e artísticas, como o curso de teatro, por exemplo.

Outra sociedade recreativa bastante conhecida em Curitiba e que foi fundada pela comunidade polonesa é o antigo clube Junak, ou Sociedade de Educação Física Juventude, que conforme conta Oliveira (2010), obteve o auge de suas atividades no ano de 1937, quando contava com 60 filiais no estado do Paraná. Durante o período da ditadura Vargas, o clube precisou manter as portas fechadas, tornando a funcionar a partir de 1958, sob o nome de Sociedade Juventus, que segue em funcionamento até a atualidade oferecendo atividades esportivas e recreativas para a comunidade em geral.

Ainda sobre sociedades recreativas de Curitiba nas primeiras décadas do século XX, é possível perceber a influencia de membros da família Saporski na construção da Sociedade Beneficente e Recreativa das Mercês. Segundo o informativo da Casa Romário Martins, publicado em 1985 sobre o bairro Mercês, a Sociedade foi fundada em janeiro de 1919 e teria contado com apoio de Edmundo Saporski, conforme conta o relato de um morador do bairro, o senhor Segnivaldo Manzochi: “O pai do senhor Edmundo Saporski, cujo nome era CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, E. 19, Jan./Jun., 2015.

Sebastião [Edmundo Wós] Saporski, doou o terreno para construir a Sociedade das Mercês, que na época funcionava na escola [pública do bairro].” (1985, p.32)⁸. Sendo Edmundo Saporski o primeiro presidente desta Sociedade.

Um elemento importante no que se refere aos hábitos da comunidade polonesa no Paraná é a forte religiosidade presente entre seus membros. A prática do rito católico é uma marca relevante dessa população tanto entre relatos dos antigos colonos quanto nos dias atuais. E dentro da Igreja católica, muitos imigrantes e descendentes de poloneses montavam sociedades de apoio aos necessitados, estudos religiosos entre outras coisas, conforme traz Oliveira (2010):

Em 1906, foi criada a Sociedade de Santo Estanislau (*Towarzystwo Swietego Stanislawa*), de caráter religioso, cujo objetivo era construir uma igreja e criar um fundo de auxílio mútuo, destinado aos casos de doenças e à manutenção da futura igreja e da escola a serem criadas. Dentre as suas atividades, contribuiu para o “fundo nacional polonês” e para as festividades de recepção do primeiro cônsul polonês nomeado para o recém-criado Consulado em Curitiba (OLIVEIRA,2010, pp. 90-91).

AS COLÔNIAS POLONESAS NA CIDADE DE CURITIBA

Os imigrantes poloneses que chegaram a Curitiba a partir da década de 1870 foram instalados em áreas pré-divididas e destinadas à produção agrícola, eram as chamadas colônias. Essas colônias foram destinadas para receber famílias de imigrantes que se dedicariam o trabalho rural e que também morariam nessas terras; cultivariam os gêneros alimentícios que se encontravam em escassez na região e favoreceriam o povoamento das terras sem habitação no estado, como estimavam os chefes do governo local. Conforme Kanashiro (2006), a maioria das colônias destinadas aos imigrantes havia sido delimitada pelo governo provincial, por meio da política de imigração e ocupação territorial proporcionada pelos presidentes da Província, como Zacarias Góes de Vasconcelos, o primeiro presidente e quem criou a legislação autorizando a entrada de imigrantes no Paraná. Algumas colônias polonesas dentro do município de Curitiba também surgiram por iniciativas de políticas da Câmara Municipal de Curitiba, como apontam Wachowicz (2000) e Kanashiro (2006).

Aqui estão presentes dados referentes às colônias polonesas em Curitiba: a história de suas fundações, a vida social dos imigrantes dentro delas, o trabalho exercido pelos

⁸ O depoimento do senhor Segnibaldo Manzochi foi concedido aos pesquisadores responsáveis pelo informativo da Casa Romário Martins, na cidade de Curitiba no mês de fevereiro de 1983.

imigrantes e retratar um pouco como algumas dessas colônias se configuraram em bairros da cidade, na atualidade. Para isso, um dos textos que se toma como base de referência para a compreensão do espaço das colônias e da fundação destas é o documento de Kanashiro (2006), em que a autora busca entender por meio da formação histórica da imigração estrangeira ao Paraná – independente das nacionalidades - e da construção das colônias de imigrantes nos arredores da capital paranaense, a definição para espaços marcadamente étnicos na cidade, utilizando-se do aspecto cultural de cada comunidade ocupante das colônias, levando em consideração também o ponto de vista da arquitetura para realizar tal análise.

A autora revela um número consideravelmente alto de colônias demarcadas apenas dentro do território da cidade de Curitiba: “No caso de Curitiba, foram quase 40 assentamentos projetados para imigrantes e adaptados por eles, principalmente europeus” (KANASHIRO, 2006. P. 145). E por meio de tabelas e dados, a autora conta quando as colônias foram fundadas, a área do território destinado à cada colônia, a escolha dos nomes, entre outras informações relevantes que serão aqui reproduzidas. No caso da tese de Kanashiro, foram levantadas todas as colônias imigrantes em todo o Paraná e de todas as etnias que chegaram ao estado; mas nesta pesquisa se apresentam apenas dados sobre as colônias polonesas de Curitiba.

As colônias de imigrantes em Curitiba e região foram fundadas por dois tipos diferentes de iniciativas: a iniciativa particular, por parte dos próprios imigrantes que vinham com intuito de desbravar o território, essa foi uma iniciativa menos utilizada no caso paranaense; e também a iniciativa planejada por meio de políticas públicas voltadas para a imigração, sejam elas de âmbito municipal, provincial ou por parte do governo Imperial – essa forma de imigração foi majoritária no caso a região do Paraná.

Segundo Kanashiro (2006), 90% dos assentamentos para colônias de imigrantes na Região Metropolitana de Curitiba foram planejados por alguma instância governamental. As colônias imigrantes fundadas pela iniciativa municipal tinham como característica a localização relativamente próxima ao centro da cidade - como são os casos das Colônias Pilarzinho e Abranches, que ficam respectivamente a 4 km e a 6 km do centro de Curitiba e que atualmente são bairros da capital. A autora afirma que essa proximidade de algumas colônias em relação ao centro de Curitiba, teve reflexo direto na anexação destas para a composição da malha urbana da cidade, o que a torna única: “Desta forma, pode-se observar (...) e afirmar que Curitiba é a única metrópole brasileira que incorporou como seus bairros, no processo de urbanização e expansão, antigas colônias de imigrantes”. (KANASHIRO, 2006. P. 223). As colônias fundadas por iniciativa provincial se localizavam nos arredores da capital (no *rocio* de Curitiba), sendo a maior parte designada pela política de imigração efetuada por Lamenha Lins – o chamado CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, E. 19, Jan./Jun., 2015.

linismo. Havia também as colônias de iniciativa do governo geral do Império Brasileiro, estas ficavam mais distantes dos núcleos urbanos.

Esta pesquisa verifica que nenhuma das colônias polonesas na cidade de Curitiba mudou seu nome depois que se tornou bairro, houve também uma fidelidade quanto à territorialidade dessas colônias, tanto no passado quanto no atual mapa dos bairros da cidade. As colônias não aumentaram, não diminuíram, tampouco deixaram de existir.

Destaque para o bairro do Pilarzinho, que apesar de ter sido uma colônia mista composta por imigrantes alemães e poloneses, teve uma presença polonesa em grande número, e foi justamente o Pilarzinho, a primeira colônia a recebê-los na cidade de Curitiba. Abaixo, segue um mapa elaborado por Camargo (2015), para ilustrar os bairros curitibanos que serviram de ocupação colonial dos imigrantes de origem polonesa. A primeira colônia de imigrantes a ser construída em Curitiba por meio de iniciativa do município foi a colônia mista do Pilarzinho, no ano de 1870. A colônia do Pilarzinho se localizava ao norte da capital e recebeu populações alemãs e, posteriormente, algumas famílias polonesas que vieram transmigradas de colônias em Santa Catarina (WACHOWICZ, 2000) e recebeu este nome em homenagem religiosa a Nossa Senhora do Pilar.

Durante a década de 1870, a província do Paraná e a cidade de Curitiba construíram outras importantes colônias para a população de imigrantes poloneses que chegavam à cidade, tais como:

a) A Colônia do Abranches:

A primeira colônia fundada por iniciativa do município de Curitiba e que foi destinada exclusivamente aos imigrantes poloneses foi a Colônia do Abranches, criada em 1873. O território da colônia fica localizado na região noroeste de Curitiba, conforme traz o texto de Wachowicz (1976a), a Câmara Municipal de Curitiba destinou aos imigrantes poloneses um “lajeado que deságua no Rio Barigui pela margem esquerda”. (1976a, p. 14), distante a 6 km do centro da cidade. E recebeu este nome em homenagem ao então Presidente da Província do Paraná, o Sr. Francisco José Cardoso de Araújo Abranches. Dados da Província do Paraná de 1893, e trazidos no texto de Wachowicz (1976 a), apontam que a colônia de Abranches tinha 82 lotes, habitados por 320 famílias. E que de acordo com os cálculos do recenseamento feito neste ano, a população da colônia correspondia a 10% do total de 27 mil habitantes de toda a cidade de Curitiba.

Grande parte dos imigrantes que chegaram à colônia de Abranches vinha da região da Prússia Ocidental, mas tendo em vista os números de indivíduos divididos por aldeias de

origem, Wachowicz (1976a) aponta que a maioria dos imigrantes era proveniente de uma aldeia chamada Siolkowice, que fica na região da Silésia. Tanto a Prússia quanto a Silésia eram territórios de dominação alemã à época da imigração – entre as décadas de 1870 e 1890.

Os imigrantes residentes na antiga colônia do Abranches eram de maioria católica, e nos primeiros anos do assentamento a necessidade de professar a sua fé era colocada para as autoridades paranaenses, por parte dos colonos. Isso também incluía a disponibilidade de um sacerdote polonês para rezar as missas para a comunidade, em idioma polonês. Essa reivindicação foi atendida entre o final da década de 1870 e início dos anos 1880; foi quando a comunidade se uniu para construir a Paróquia de Sant’Ana de Abranches e o primeiro padre da Paróquia foi Pe. Ladislau Grabowski⁹, que atuou entre os anos de 1878 e 1881.

Nos primeiros anos da colônia a Igreja serviu como principal ponto de encontro dos colonos para que estes se comunicassem; trocassem informações sobre como andava o cultivo da terra e também para os imigrantes saberem sobre as novidades da colônia, como conta Wachowicz (1976 a). Isso porque a distância entre as casas dos colonos era de 300 a 500 metros umas das outras, uma distância na qual os poloneses não estavam acostumados a conviver.

b) A Colônia Orleans:

A Colônia Orleans foi fundada em dezembro de 1875, por iniciativa da Província do Paraná, conforme traz o texto de Wachowicz (1976 b). A Colônia ficava situada a 10 km do centro de Curitiba, às margens da antiga Estrada do Mato Grosso (atual BR 277), e recebeu esse nome em homenagem ao esposo da Princesa Isabel - o Conde Luiz Felipe de Orleans - conhecido como Conde D’Eu. A divisão inicial da colônia foi uma demarcação de 66 lotes, que no início de 1876 recebeu 63 famílias, totalizando 249 habitantes cuja maior parte era originária da Polônia Prussiana. Viviam na colônia alguns imigrantes de outras nacionalidades, que eram remigrados de outras colônias. Com o tempo, esses imigrantes não poloneses acabaram transferindo seus lotes aos poloneses vizinhos e mudando-se do Orleans.

Com o crescimento das colônias polonesas na região oeste de Curitiba e o acompanhamento direto da produção agrícola sendo feito pelo governo da Província, a prefeitura da capital opta por criar um distrito administrativo. Em agosto de 1892, a Câmara Municipal de Curitiba assina um decreto criando o Distrito Administrativo de Nova Polônia. Este distrito funcionou por 46 anos - de 1892 até 1938 – quando o Decreto-Lei estadual 7.573 de 20 de outubro de 1938, revogou o decreto anterior, que o criara. Este distrito reunia as

⁹ Segundo informação disponível na página eletrônica da Paróquia de Sant’Ana de Abranches, no endereço: <http://www.santanadeabranches.com.br/a-paroquia>

colônias polonesas próximas à antiga estrada do Mato Grosso, na parte oeste da capital (Orleans, S. Inácio, Rivière, D. Pedro, D. Augusto e Tomás Coelho – todas fundadas durante o período de Lamenha Lins). O registro acerca da criação de tal distrito se faz presente nos textos de Wachowicz (1976 b) e de Colodel (1983) em que este último autor trata sobre a colônia D. Augusto (atual bairro Augusta, próximo à Orleans na região oeste de Curitiba).

Sobre a vida cultural e religiosa da comunidade imigrante em Orleans há que prestar informações sobre as duas principais instituições: a Igreja e a Escola. A Igreja da colônia foi construída em 1880 e atendia tanto à Orleans como ao Santo Inácio. Quando o Imperador do Brasil D. Pedro II esteve de passagem pela região, prometeu e mandou entregar presentes aos colonos: dois sinos para a igreja ainda em construção e uma imagem de Santo Antônio, segundo Wachowicz (1976 b). No ano de 1906, a capela de Orleans foi elevada ao *status* de Paróquia de Santo Antônio de Orleans.

A colônia Orleans foi a primeira colônia de imigrantes em Curitiba a receber uma escola, inaugurada em outubro de 1876, como indica Oliveira (2010), teve como incentivador e primeiro mestre-escola o polonês naturalizado brasileiro Jerônimo Durski, que lecionava para uma maioria de estudantes poloneses e em idioma polonês. E que segundo Wachowicz (1976 b) tinha métodos de ensino bastante rígidos, além de sofrer perseguições do padre Ludovico Przytarski, que via em Durski uma ameaça a sua liderança e representatividade dentro da comunidade. O Padre Ludovico chegou a criar uma segunda escola para as crianças de Orleans no final dos anos 1870 a fim de afastar Durski dessas atividades, tal escola durou apenas dois anos. Durski então foi lecionar em outras colônias e municípios, retornando à Orleans em outros períodos até a sua aposentadoria, em 1894, como mostra Wachowicz (1976 b):

Em 19.09. 1892, Jerônimo Durski foi removido do Batel onde lecionava, novamente para os núcleos D. Pedro e Orleans, mas com a escola sediada em Campo Comprido. Neste cargo, permaneceu até 1894, quando, por incapacidade auditiva, foi obrigado a solicitar a aposentadoria, a qual foi conseguida, recebendo entretanto o referido mestre escola apenas 753\$600 rs anuais (WACHOWICZ, 1976 b, p. 47).

c) A Colônia de Santo Inácio

A Colônia do Santo Inácio foi instalada no ano de 1876, por iniciativa da política de incentivo à imigração da província do Paraná, que tinha à sua frente o Presidente Lamenha Lins. De acordo com Boschilia (2004) no ano de 1876, das doze colônias de imigrantes no território de Curitiba, nove eram de poloneses. O Santo Inácio se localizava a 3 km do centro

de Curitiba, nas proximidades do Rio Barigui e da antiga Estrada do Mato Grosso. Inicialmente, ainda com base nos dados fornecidos pela autora, instalaram-se em S. Inácio 514 imigrantes provenientes da região da Silésia.

A maioria destes imigrantes se dedicou a trabalhar com agricultura, como na maioria das experiências coloniais da região, porém havia um diferencial em S. Inácio, que era o comércio de lenha das matas locais, e posteriormente a instalação de olarias, o que fez com que muitos colonos experimentassem diferentes formas de gerar capital, como o comércio de tijolos e serviços de doméstica na cidade, por exemplo. Boschilia (2004) retrata de que maneira a rotina de trabalho na colônia influenciava na vida daquelas pessoas: “A realidade do trabalho, (...) perpassa o tempo de vida do colono e estará presente, (...) em todas as manifestações do universo colonial.” (2004, P. 63). Segundo a autora, a proximidade do S. Inácio com o centro da cidade, auxiliou na inserção dos jovens da colônia no mundo do trabalho no centro urbano: em fábricas, lojas ou casas de família, a partir dos anos 1930.

As manifestações religiosas dos colonos do S. Inácio, que eram na maioria católicos, eram professadas na capela de Santo Antônio do Orleans (Figura 2.7). As condições da estrada que ligava a colônia até a capela eram muito ruins, de acordo com os relatos na obra de Boschilia (2004), entretanto os colonos faziam questão de frequentar o rito católico em idioma polonês na capela da colônia vizinha, porque para os colonos este era o principal meio de convívio social e de interação entre os vizinhos, durante muitos anos, e também para conferir identidade polonesa ao imigrante, deslocado de sua terra natal.

Ou seja, era por meio da "originalidade" de ritos e celebrações habituais que a religião católica, para o polonês, promovia padrões de comportamento que impunham, previamente, sanções de ordem moral quanto a possíveis desvios de conduta, que fossem externos ao grupo e que pudessem aproximar-se da “fé brasileira”, sem acarretar determinações contundentes de ordem política. (BOSCHILIA, 2004, p. 87).

As festas coloniais também tinham caráter religioso, como a festa que celebrava Santo Antônio, que reunia os jovens das colônias e se mostrava como uma oportunidade para que estes iniciassem relacionamentos. Os casamentos dos colonos eram festas grandiosas e com muita fartura. Boschilia (2004) apresenta em sua obra, relatos que comprovam o dito popular de que “*festa de casamento de polaco dura três dias*”, pois eram festas que envolvia toda a comunidade, que se unia para organizar os preparativos: cada colono trazia peças de carne ou frangos para assar, ingredientes para fazer bolos (os chamados *kukes*). Contam os depoentes que as noivas iam para a igreja de carroça, que os cavalos eram enfeitados com lacinho no

pescoço e fitinhas de papel; e que depois da cerimônia que acontecia em geral na tarde de sábado, o baile no paiol da casa da noiva avançava pela noite de sábado até a manhã de domingo, quando era interrompido pela missa e pelo almoço farto; e depois disso o baile retornava, seguindo até a manhã da segunda feira. Segundo a autora, o casamento típico polonês foi se mantendo com festas extensas e fartas até os anos 1930, quando os jovens começam a entrar no mundo do trabalho urbano, tendo que cumprir rotinas e horários diferentes daqueles do trabalho autônomo nas roças da colônia.

d) A Colônia de Santa Cândida

A colônia de Santa Cândida foi fundada por iniciativa da Província do Paraná, que no ano de 1875, comprou de um proprietário brasileiro a área localizada à margem esquerda da Estrada da Graciosa, distante 8 km do centro de Curitiba. No Boletim da Casa Romário Martins, Wachowicz (1975) conta que alguns colonos tanto do Abranches quanto do Pilarzinho informaram alguns parentes e conhecidos sobre a disponibilidade de terras naquela região, atraindo parte dos colonos que vieram a ocupar Santa Cândida. Chegaram, então, imigrantes das regiões da Silésia e da Prússia Ocidental, compondo um primeiro grupo de 168 imigrantes (1975, p.8). A colônia recebeu este nome em homenagem à segunda esposa do Presidente Lamenha Lins, a senhora Cândida de Oliveira.

O terreno que abrigou a colônia foi dividido em 40 lotes para as famílias de poloneses, que no ano seguinte de sua fundação organizaram-se para construir a primeira capela da colônia, inaugurada em 6 de janeiro (dia de Reis) de 1877. A capela se tornou Paróquia no ano de 1936, por incentivo de Dom Ático Eusébio da Rocha, conforme aponta Wachowicz (1975). A mudança de capela para Paróquia implicava no aumento das instalações da igreja, foi quando no mesmo ano de 1936, a Paróquia de Santa Cândida foi construída e inaugurada pelo Padre Wislinski.

Além da Igreja, a comunidade de Santa Cândida tem na sua escola um motivo de orgulho. Como a educação das crianças era uma preocupação dos colonos de Santa Cândida, a comunidade, no início do século XX começa a se organizar, por meio de solicitações, em torno da construção da Casa Escolar. Em 1912, duas irmãs da Congregação da Sagrada Família de Maria – Ir. Ludvica Babula e Ir. Ana Kornowski - vieram da Polônia para auxiliar o Padre Leon Niebieszczanski em tarefas da igreja e com o trabalho educativo, conforme mostra Mika (2012).

Assim, as irmãs organizaram a primeira escola da comunidade, instalada em uma construção de madeira muito pequena e improvisada, que oferecia ensino de português e polonês formal tanto às crianças de Santa Candia, como de outras localidades - tais como: Roça

Grande, Bairro Alto, Ressaca (atual bairro da cidade de Colombo, São Gabriel). O ensino de do polonês formal é enfatizado no texto de Mika (2012), pois este que era falado pelos padres e irmãs era diferente daquele falado na região da Silésia, que era considerado um polonês mais interiorano. A região da Silésia é de onde provinha a maioria dos colonos que mantinham o costume de falar esse polonês típico em suas casas. A autora conta sobre como era o ensino na Escola Santa Cândida, nas primeiras décadas do século XX:

Os materiais dos alunos eram um penal para canetas e penas descartáveis e lápis de pedra. Era utilizado o livro de catecismo 'História Sagrada'. (...) Normalmente a merenda [trazida de casa] era uma fatia de broa de centeio ou pão com salsicha e uma garrafinha de café com leite (MIKA, 2012, p.50).

A primeira instalação da Escola Santa Cândida funcionou por dez anos, sendo substituída por um casarão feito em alvenaria, capaz de ampliar a oferta de vagas e melhorar a qualidade do ensino oferecido pelas Irmãs. O casarão também servia de residência das religiosas e foi restaurado em 1998 com verba da Congregação e conforme os apontamentos de restauro do IPPUC, passou a ser um espaço mantido pelas irmãs e dedicado à oferecer atividades culturais, artísticas e profissionais, como: música, pintura, cursos de informática e idiomas, oferecidos para estudantes do Colégio e a comunidade. (MIKA, 2012, p.57). A figura 2.9 mostra a fachada do casarão das Irmãs da Congregação, no bairro Santa Cândida.

Com o aumento do número de estudantes, que chegava a mil nos anos 1970, surge a demanda por mais salas de aula e maior estrutura física do Colégio. Foi durante esta década que o estabelecimento passa a funcionar em uma estrutura própria, construída ao lado do casarão das Irmãs. O colégio foi estadualizado em 1975, como conta a autora, passando a seguir as regras administrativas e pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação (SEED). Porém, conforme um acordo feito entre a Igreja Católica e a SEED, a direção do Colégio Santa Cândida é um posto sempre ocupado por uma das Irmãs da Congregação, não passando por eleições diretas envolvendo a comunidade escolar, como as demais escolas estaduais. A partir do ano de 1996, a diretoria do Colégio é ocupada pela Irmã Olivia Nallon, de 72 anos. Nascida em Bituruna (PR), a Irmã Olivia tem origem italiana, ingressou na vida religiosa aos 19 anos de idade, atuou em outras escolas religiosas da Congregação da Sagrada Família, tanto públicas como particulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresenta um levantamento histórico capaz de apresentar parte da trajetória dos imigrantes poloneses em Curitiba. A imigração polonesa ao estado do Paraná, dá-se início na década de 1870, quando da re-imigração de um grupo de colonos, vindos de colônias da região do Vale do Itajaí (SC) (WACHOWICZ, 2000). A maioria dos colonos instalou-se no planalto curitibano, ocupando áreas rurais pré-delimitadas pelo governo local, e que ficaram conhecidas como colônias. Grande parte destes imigrantes veio da região polonesa da Silésia, que durante a segunda metade do século XIX até o final da I Guerra Mundial, estava sob o domínio da Prússia (WACHOWICZ, 1981).

Esta que é a mais numerosa população de imigrantes a chegar à capital paranaense e que se instalou nos arredores da cidade desde os anos 1870 (OLIVEIRA, 2010), tinha entre seus membros uma maioria composta por trabalhadores rurais, mas também um numeroso contingente de trabalhadores urbanos, profissionais liberais, intelectuais e pequenos empreendedores, que fomentaram o desenvolvimento econômico e cultural da cidade. Enquanto que na área rural de Curitiba, as colônias destinadas à imigração polonesa, produziam gêneros alimentícios como: hortaliças, verduras, criação de animais como porcos, marrecos, frangos, galinhas para o comércio de ovos, produzia-se e comercializava-se, também, lenha para fazer fogo. As antigas colônias rurais da população imigrante polonesa atualmente constituem bairros da cidade, onde é possível ainda localizar a presença destes imigrantes, nas construções, em praças, nas igrejas católicas dos bairros e nos nomes das ruas, que em muitas vezes aparecem como homenagens a nomes de imigrantes ou de descendentes.

Tal presença se notava, até as primeiras décadas do século XX, através de escolas que lecionavam em idioma polonês, jornais escritos também em polonês e associações recreativas, culturais e artísticas que atendiam tanto a imigrantes quanto à população curitibana em geral. Essas associações tinham o objetivo de aglutinar a comunidade de imigrantes poloneses, exercitar a prática do idioma, integrar os colonos para manter um laço de união entre eles – já que haviam se desgarrado da terra natal - e também possibilitar integração dos imigrantes com a população curitibana em geral, por meio de espetáculos musicais, dramaturgicos e campeonatos esportivos. No entanto, essas instituições culturais, esportivas e recreativas tiveram suas atividades proibidas devido ao decreto de nacionalização, imposto pela ditadura Vargas (segunda metade da década de 1930), em que proibia a publicação, circulação, veiculação e uso de idioma estrangeiro em território nacional (OLIVEIRA, 2010).

ABSTRACT

This paper is a presentation about historical facts that says how the polish immigration in Paraná, especially in Curitiba, about the second part of 19th century. It brings the historical context in Paraná before the immigrants coming; a little explanation about the Polish history at this time; how did the immigrants come to Brazil and their trajectory. Paraná was the Brazilian state the received most number of polish immigrants that became to come in 1871. The local government used to incentive the immigration, paying for the trip and reserving the territory to install these people. This initiative had the intention to populate territories located in the south, and encourage agricultural production of food, scarce in the region, at the time. Some authors says about Paraná's history and give the possibility to explain the immigrants coming, like Wachowicz (2000) and Nadalin (2001), and in sociology Oliveira (2010). Briefly, this article presents Paraná's history during the 19th century. And in a second moment there is a description of the polish former colonies in Curitiba – places where immigrants used to live, they grew vegetables and raised animals. There's a Curitiba's map to point where were the colonies, when were they founded and how did the immigrants live.

KEYWORDS: immigrants, polish, Curitiba.

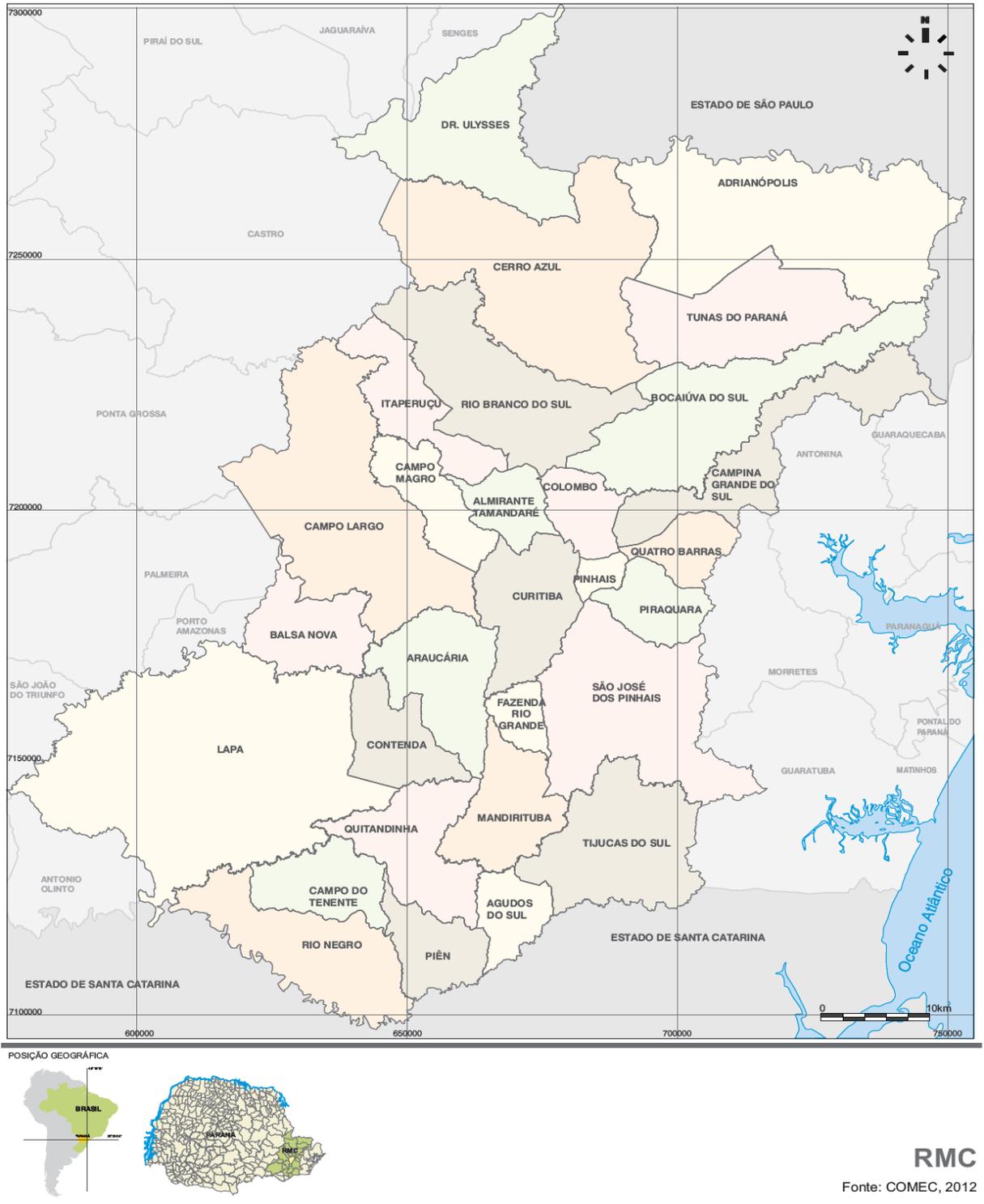
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boletim Informativo Casa Romário Martins (1975). *Santa Cândida, pioneira da Colonização Linista*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. N° 16. Dezembro 1975.
- _____ (1985). *Mercês, do túnel do pirata ao Bar Botafogo*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. Vol. XII. N° 74. Julho 1985.
- BOSCHILIA, R (2004). *Reconstruindo Memórias: os poloneses do Santo Inácio*. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná.
- CARNEIRO JÚNIOR, R.A (2014). *Personagens da História do Paraná-Acervo do Museu Paranaense*. Curitiba: SAMP – Museu Paranaense.
- GOULART, M. do C. R. K (1984). *A Imigração polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro*. 1° edição. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau.
- _____ (2000). *Saporski e a Transmigração Polonesa em 1891*, Revista Projeções, Vol. II, p. 65-73.
- IANNI, O (1988). *As Metamorfoses do Escravo*. São Paulo, Hecutec; Curitiba: Scientia et Labor.
- KANASHIRO, M. (2006). *Paisagens Étnicas em Curitiba: um olhar histórico-espacial em busca da entopia*. Universidade Federal do Paraná. Cap. III. Curitiba.

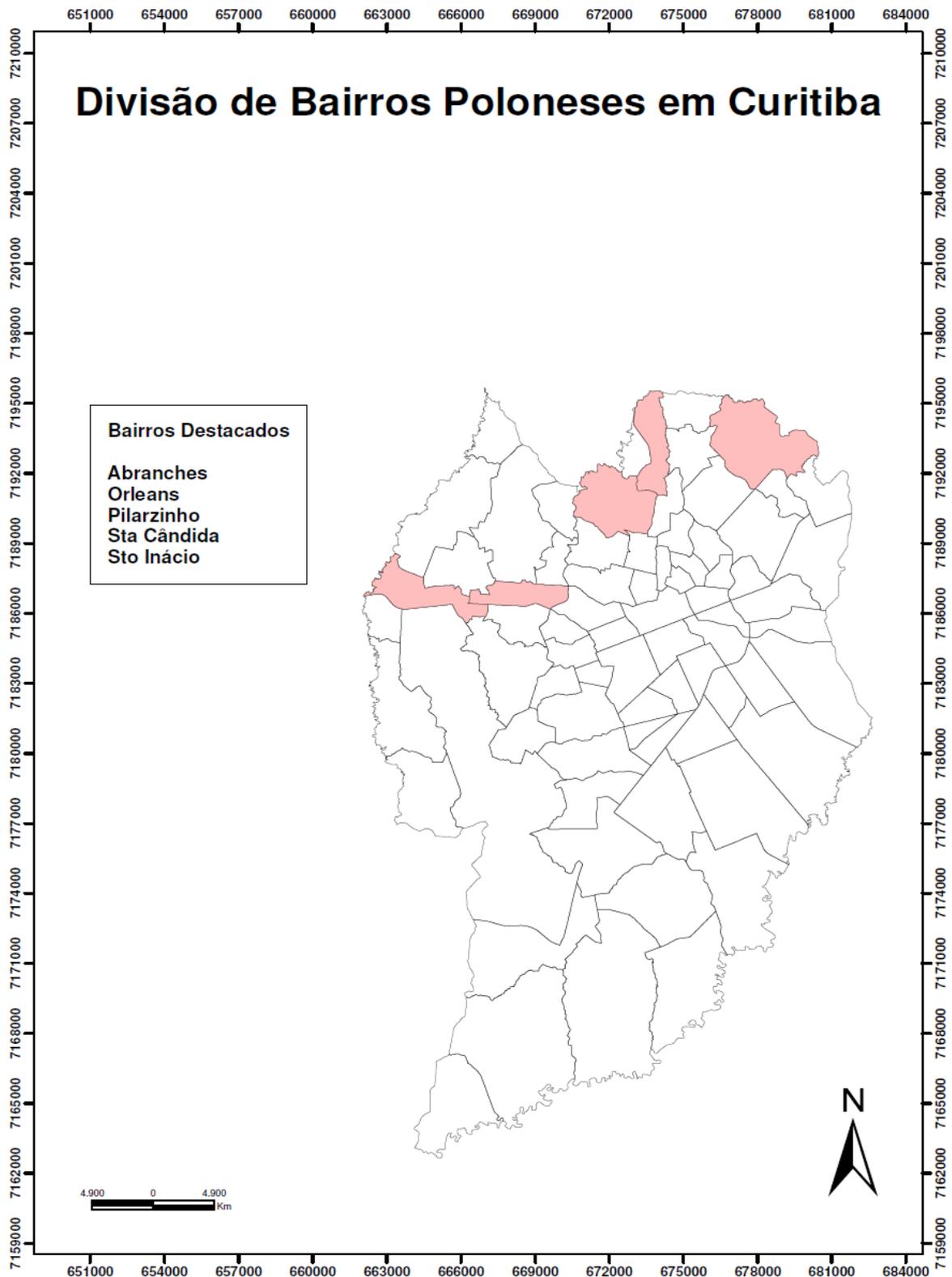
- MARTINS, C.R.K (2001). *Gleba Orle: Uma das Últimas Colônias de Poloneses Fundadas no Brasil*". In: Revista Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba: Editora Braspol, ano III, p. 38-48.
- MIKA, R. Ir (2012). *100 anos educando gerações: 1912/2012*. Curitiba: Colégio Estadual Santa Cândida.
- NADALIN, S.O (2001). *Paraná: ocupação do território, população e imigrações*. Curitiba: SEED.
- OBRZUT, L. C (2006). *A Colônia Polonesa de Tomás Coelho e a Represa do Rio Passaúna – a Interface entre Tradição e Progresso*. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- OLIVEIRA, Márcio de (2010). *Organizações sociais dos Imigrantes Poloneses e seus descendentes em Curitiba (Brasil, 1890-1938)*. In: E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias. LIMA, Ismênia de, HECKER Alexandre, org. 1ªed. São Paulo: Expressão e Arte editora.
- PALECZNY, Tadeusz (2000). *Núcleos Polônicos no Brasil: Reservas de monoetnicidade ou enclaves de multiculturalismo?* In: Revista Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros. Curitiba: Editora Braspol, ano II, p. 17-38.
- PINTO, R.C., MIZUTA, C. M (2011). Breve Biografia de Zacarias de Góes e Vasconcellos. In: 4º Encontro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Artes. Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná.
- SANTOS, C. R. A (2001). dos. *Vida material vida econômica*. Curitiba: SEED.
- WACHOWICZ, R.C (1976a). *Orleans: Um século de Subsistência*. Curitiba: Edições Paiol.
- _____ (1976b). *Abranches: Um estudo de História Demográfica*. Curitiba: Ed. Gráfica Vicentina.
- _____ (1981). *O camponês Polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins.
- _____ (2000). "*Saporski: um pioneiro polono-brasileiro*". Revista projeções, ano II, p. 107-146.
- MAPA da Região Metropolitana de Curitiba. Disponível em: http://www.comec.pr.gov.br/arquivos/File/Mapas2013/RMC_2013_Politico.pdf Acesso em 26/09/2015.

ANEXOS

Anexo 1



Mapa 1: Mapa da Região Metropolitana de Curitiba. Fonte: COMEC.
Anexo 2



Mapa 2: Mapa dos bairros curitibanos que compunham as antigas colônias polonesas. Fonte: CAMARGO, P.L.T. 2015.